



A FLAUTA E O
REALEJO EM FIM DE
TARDE

O MORIMBUNDO

De relance ergueu a mão e mais uma história nas tábuas do coração ficou Ignácio que nem gente era um “des-sentir” levou em casa olhou a virgem ou Madonna como costuma cantarolar com penhor de quem retoma algumas coisas que em certos corações não dorme no dizer da matuta: “pardom monamour” Na chama ardeu São João que na água já “ouvia-sentia” que na próxima estação no peito não mais havia a palavra do vigário que ensinava a guardar a vida com “l” A segunda só combina com linho branco e talvez, seda ou semelhante que ensine a cobrir o sentido que as palavras que estão podem dizer com “ferror” que mar pode encher sertão se no a de z não reconhecer o “!ipsilom” de “ph” onde o morimbundo compra erva pra “des-dolorir” o que na porta da igreja sempre ficou.

A brancura me deu cor que bonita demais “e” quando subo o morro e a brisa bate nela a referência fica mais viva e quem desce sou eu meu coração cruza a Palestina caso de novo com Plebeu princesa nordestina

Sem destino descansa na carga de perna aberta não me sinto outra vez envergonhada pois o “a” no fim do ela não importa e nem faz doer sou cicio, vento e brisa que nem o tempo pode conter que brancura alva de encarnado avermelhado, marrom também não importa a cor pois nesse isolamento o gosto das uvas eu anulo também pois nesse banquete obscuro tua alma alguém pode deter lembre que minha coroa palhaça, sátira vai te fazer ver que teu grito vou ouvir mesmo que ele da tua boca nada venha me dizer e a mais feia comida vai alimentar essa fome que não é de carne mais é de entranha no dia que te gerei essa nota eu posso er... cantar.

Em trinta o feio era bela e no quadro a parede do terror que menino era mas estava sempre firme perscrevendo a gota de meu “beber” do meu “viver” com essa permissão. E nesse mundo meu pé era cravo que entra e rapidamente sai pela entrada da manhã nos aposentos onde descanso na mesa. Um espelho onde esse brilho e exarcebada resplandecente luz me faz, vez por outra: “o menino que estava firme perscrevendo a gota do meu “beber” e se mais alguns vislumbres: “do viver...”

Voa Oa Oia Ia A Oia V V A Oi V O A Oia A Vo v A a A o A
Ia Ia aaaaaaaaaaaaaa Japão Tóquio Cazaquistão...

Quando vi a revista na grama repousava em instante
carregou museu e nele os quadros estava não
avermelhou o rosto quando o escritor assinatura no
chão via eu aprendiz de “palavriar” escrevi funeral nas
primeiras olhadas da janela onde tudo ficou

O grão de terra dança as folhas voltam para casa o
homem acende lampião e onde as mulheres cantam
ave-maria em busca de si em filhos o lampião não
existe, são apenas estrelas d'Alvas que lembram que é
hora do frango voltar para Portugal marca de panelas.

Inventei um sétimo sentido é des-sentido o não dizer
catar alegria na dor quando feijões escondem Joões

E quando noventa for você será apenas serenata que
ninguém cantou

E quando for de ventre outra vez profana vou
proclamar sagrada que algumas orações de sétimo
sentido nada pode dizer

Pardal a oração vai carregar e na carcaça desse
sacristão vou descansar pois nesse pequena ajuda ele
veio me ajudar

E assim sou apenas dito pelo não dito mais nesse dito
não disse o dito que to de nunca estive dito que
bendito é o que faz o dito ser sempre dito o que dito foi

Pois esse marco que faz minutos e segundos não mais negue que herdeiros não comeram fruto do “des-passo” do que sempre em nada pode ver. Com... ar e toda bele do “urra” da criação.

No Jardim ficou no viver da planta quem Nara Leão cantando algumas canção que não lembro fez crescer. Graças a Deus “Porque Deus desceu pro céu no movimentar dos pixels de uma celular comprado em Tai Chin Xuam”

ou Bangladesh. Viva São João...

Glória a Deus

Graças a Deus